

OS HIPERCONEC

LEV GROSSMAN

Um dos candidatos iniciais ao título de "YouTube de 2007" é um serviço chamado Twitter. O Twitter permite que o usuário transmita ao mundo, via rede ou telefone, ou mensagem instantânea, pequenas informações pessoais: o que ele está fazendo, o que pretende fazer em seguida, o que acabou de fazer, o que o gato fez e assim por diante. O Twitter representa o equivalente da cisão de átomo, na internet: cria uma unidade de conteúdo ainda menor e mais trivial do que um *post* em um *blog*. A resposta, previsivelmente, deve ser explosiva.

Há alguma coisa de deliciosamente auto-irônico no nome - Twitter, que quer dizer "pio", faz de nós um bando de alegres passarinhos piando em nossas árvores. Mas ele também me causa nervosismo. É como se fosse a cocaína de um *blog* ou de *e-mail*, mas refinada em forma de *crack*. O vício em internet é história antiga, mas estamos na porta de entrada de uma nova espécie de problema que poderia ser definido, de maneira mais ampla, como um vício em dados, em suas muitas e esplêndidas formas.

Um exemplo: eu uço o metrô para ir e voltar do trabalho, e pouco antes de eu chegar em casa meu trem emerge do subsolo e volta ao mundo da luz solar e da recepção efetiva nos celulares. Quando isso acontece, todos os passageiros do vagão executam o mesmo gesto, como que em uma coreografia - cavoucamos em nossas bolsas, pastas, mochilas em busca de qualquer que seja o aparelho digital que carregamos conosco. Esse comportamento não caracteriza consumidores digitais esclarecidos, mas viciados apanhados em uma epidemia.

Tento moderar meu consumo de dados: não tenho um blackberry, mas tenho um celular, e ele me transformou em consumidor voraz de mensagens de texto. Tornei-me lastimavelmente hábil em digitar no teclado do meu celular, com o dedão de uma das mãos, enquanto caminho. Não me enten-

dam mal: também tenho sérios problemas com o *e-mail*. Muitas vezes eu termino por abrir o gmail à procura de mensagens antes que o *software* - programado para verificar se recebi mensagens novas a cada 60 segundos - tenha chance de completar seu ciclo - porque pode ser que uma mensagem tenha chegado nesse intervalo de menos de um minuto.

Mas precisamos de um termo mais amplo, como vício em dados, para definir o nosso anseio inesgotável por estímulos digitais, a hidra de múltiplas cabeças que a tecnologia contemporânea

MULTIUSO
Twitter, um novo serviço de telefone, permitirá ao usuário ter blog no celular



TADOS

Os dados nos viciam, e novas invenções como o Twitter e o iPhone só vão piorar as coisas

está criando em nós. Quando não recebo estímulo visual, informações digitais me chegam pelos ouvidos por meio do meu muito querido mini iPod prateado (um dos muitos conceitos de *design* que a Apple deixou órfãos). Uma pesquisa conduzida pela Universidade de Stanford no final do ano passado constatou que mais de um em cada oito americanos sofre de alguma forma de vício em internet. Não seria nem preciso dizer que o problema não destrói vidas com a ferocidade que caracteriza o álcool ou os

narcóticos, mas ainda não começamos a levar os dados a sério em sua condição de substância controlada.

Eis três motivos para que a situação esteja a ponto de se agravar ainda mais: primeiro, os aparelhos móveis estão ficando cada vez melhores. Como se já não fosse difícil largar os blackberrys e treos (celulares de última geração), em junho a Apple começará a vender o iPhone, e a nova categoria de computadores pessoais miniaturizados e ultrafinos, como o FlipStart e o OQ02, ameaça tornar os computadores tão portáteis quanto os celulares. Segundo, o wi-fi está se tornando cada vez mais presente. O Google e o provedor de acesso à internet Earthlink tem um acordo em vigor para prover acesso sem fio à internet gratuito em toda a cidade de San Francisco. Filadélfia, Anaheim (Califórnia) e Madison (Wisconsin) já dispõem desse tipo de serviço, como também dezenas de outras cidades de grande e médio porte nos Estados Uni-

dos. Dentro de dez anos, a maior parte das áreas urbanas e suburbanas do país disporá de acesso sem fio gratuito à internet. As linhas aéreas devem começar a oferecer wi-fi em vô dentro de 12 meses. E, terceiro, os executivos das empresas de internet estão obcecados com a idéia de produzir versões para celulares de tudo aquilo que costumávamos ter em nossos computadores. É o equivalente *online* do conceito de Destino Manifesto. Já se pode receber Google, YouTube e Citibank em um celular. Agora, com a possibilidade de usar o Twitter no telefone, não existe mais motivo algum para olhar o mundo ao nosso redor.

Como costuma acontecer no caso dos traficantes, serviços como o Twitter não respondem a necessidades existentes: criam novas necessidades e respondem a elas. Eles chegam a nós envoltos na retórica da conexão interpessoal, criando uma sensação de que as pessoas amadas, ou pelo menos queridas, ou toleradas estão presentes eletronicamente para nós, não importa a que distância real se localizem. Mas não consigo deixar de imaginar se estamos subestimando o efeito oposto: o custo que estamos pagando em termos de desconexão com o nosso ambiente imediato, dependência quanto a um fluxo contínuo de atenção eletrônica para sustentar os nossos egos, e, acima de tudo, em termos de uma crescente incapacidade de convivemos silenciosamente com os nossos pensamentos - aquele' inestimável fluxo de dados analógicos que não vem de fora, mas de dentro.

Tradução: Paulo Migliacci

© 2007 Time Inc. Todos os direitos reservados. Traduzido da revista TIME e publicado com permissão da Time Inc. A reprodução, de qualquer maneira, em qualquer idioma, notadamente em parte, é proibida.

